

EMPIRISMO E INEFICIÊNCIA NA PRÁTICA CULTURAL DE “DESGOVERNAR” EQUINOS NO NORDESTE BRASILEIRO: ESTUDO DE CASOS

[*Empiricism and inefficiency in cultural practice of “disconnect” horses in Northeastern of Brazil: Cases Study*]

Carlos Alberto Hussni¹, Antonio Matos Neto¹, Pierre Barnabé Escodro^{2*}, Ana Liz G. Alves¹, Marcos Jun Watanabe¹, Celso A. Rodrigues¹

¹ Departamento de Cirurgia e Anestesiologia Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Estadual Paulista “H=Julio de Mesquita” (FMVZ-UNESP).

² Grupo de Pesquisa e Extensão em Equídeos da Universidade Federal de Alagoas (GRUPEQUI-UFAL).

RESUMO – Na região nordeste do Brasil pratica-se o procedimento cirúrgico denominado “*desgovernar*” com objetivo de eliminar claudicações crônicas em equinos. O ato é realizado há várias décadas como um elemento cultural regional, incorporado aos costumes da população e habitualmente praticado por leigos e médicos veterinários. Este artigo objetiva identificar o ato cirúrgico conhecido como “*desgovernar*”, citando seus diferentes acessos e eficiência da técnica, a partir de informações obtidas através de inquérito direto aos executores (médicos veterinários ou leigos) e proprietários de animais que foram submetidos ao procedimento. De acordo com as descrições, o procedimento possui quatro acessos cirúrgicos, na face medial da região proximal ou distal dos membros torácicos e pélvicos, podendo ser definido como secção vascular seguida de hemorragia profusa, com ou sem hemostasia por ligadura. As informações obtidas e a análise estrutural anatômica indicam que a prática de “*desgovernar*” é caracterizada por flebotomia seguida ou não de neurectomia, sendo um procedimento questionável, empírico e ineficiente no tratamento das claudicações. A partir do estudo de casos desenvolvido, de caráter inicial sobre a temática, conclui-se a ausência da comprovação terapêutica nos animais submetidos ao procedimento, o contra indicando na rotina clínico-cirúrgica de equinos.

Palavras-Chave: Cavalos; Vaquejada; Flebotomia; Neurectomia.

ABSTRACT – In Northeastern of Brazil is practiced surgical procedure called “*disconnect*” with the aim of eliminate chronic lameness in horses. The act is carried out for several decades as a regional cultural element incorporated into the population customs and traditionally practiced by laypeople and veterinarians. This paper aims characterize the surgical procedure known as “*disconnect*”, citing their different access and technical efficiency through information obtained through direct survey of performers (veterinarians or lay) and owners of animals that have undergone the procedure. According to the descriptions, the procedure has four surgical approaches, and can be defined as vascular section followed by profuse bleeding, with or without hemostasis ligature, at medial access of the proximal or distal region of the fore and hindlimbs. The information obtained and the anatomical structural analysis indicate that the practice of “*disconnect*” is characterized by phlebotomy, associated or not with neurectomy, being a questionable, empirical and inefficient procedure in the treatment of lameness. From the cases report developed, the initial character on the subject concludes the absence of therapy evidence in animals undergoing the procedure, counter indicating it in the clinical and surgical routine horses.

Keywords: Horse; Vaquejada; Phlebotomy; Neurectomy.

* Autor para correspondência. E-mail: pierre.escodro@vicoso.ufal.br

Recebido: 20 de junho de 2016.

Aceito para publicação: 11 de outubro de 2016.

INTRODUÇÃO

Entre as inúmeras utilizações do cavalo, uma das mais populares e difundidas na região nordeste do Brasil é a vaquejada. Nascida na década de 1940, como forma de extensão das atividades do manejo do gado pelo vaqueiro sertanejo (Câmara Cascudo, 1993), esta se transformou em “modalidade esportiva”, na qual dois vaqueiros a cavalo devem derrubar um bovino, dentro dos limites de uma demarcação, tracionando-o pela cauda e assim causando a queda deste por desequilíbrio durante a corrida, com o que ocorre o acúmulo de pontos nas provas (Montenegro et al., 2008; Silva, 2009).

Nas provas de vaquejada, semelhante a outras modalidades esportivas, os cavalos são exigidos fisicamente de modo a superar seus limites fisiológicos. Alguns cavalos chegam a disputar diversas provas em uma competição no mesmo dia, com atividades repetitivas em finais de semana (Xavier, 2002; Oliveira, 2008), constatando-se que as afecções locomotoras constituem casuística relevante nos cavalos praticantes.

Porém, na região Nordeste, muitos equinos não são encaminhados aos médicos veterinários quando portadores de afecções locomotoras, principalmente aqueles com claudicações crônicas, que com frequência são submetidos a um procedimento cirúrgico denominado “*desgovernar*”. Este ato é realizado há várias décadas como um elemento cultural regional, muitas vezes associados à lida de fazenda e vaquejada, incorporado aos costumes da população e habitualmente praticado por leigos, e em menor frequência por médicos veterinários.

O procedimento consiste em uma flebotomia indiferenciada, sem respaldo técnico-científico sobre o tema. São indisponíveis pesquisas ou trabalhos científicos que estudem, descrevam ou simplesmente definam o ato, sua aplicação, seu modo de execução ou outras informações a respeito. Deste modo, “*desgovernar*” um equino representa realizar um procedimento cirúrgico sem técnica estabelecida por profissional legalmente habilitado, tampouco conhecimento sobre sua efetividade terapêutica. No entanto, é procedimento amplamente realizado por leigos e médicos veterinários na região Nordeste do Brasil, com forte apelo cultural regional. Dessa forma, objetivou-se

nessa pesquisa, caracterizar a técnica cirúrgica do “*desgovernar*”, bem como a possível eficácia desse procedimento.

RELATO DE CASOS

Na busca de informações sobre os animais submetidos ao ato de “*desgovernar*” e os executores da técnica, o presente trabalho foi executado a partir de questionário de arguição à quinze profissionais médicos veterinários ou executores (leigos que realizam o ato de “*desgovernar*”) voluntários (Figura 1), provenientes do estado de Alagoas, buscando obter a concepção e indicação do procedimento, estimativa de número de atos/animais já realizados e com que frequência, citação da técnica por eles aplicada e suas possíveis variações.

Todas as entrevistas foram gravadas e as declarações transcritas e analisadas. Os entrevistados foram convidados a ler e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido antes de responderem o questionário, sendo a pesquisa aprovada na Comissão de Ética para Uso de Animais – CEUA/FMVZ-UNESP sob nº 0124/2009. Não foi de objetivo do trabalho identificar as pessoas que exerciam ilegalmente a profissão realizando o ato, mas sim descrever as técnicas para buscar entender a força cultural e possíveis resultados satisfatórios.

Em relação ao inquérito aos executores entrevistados, foi realizado o levantamento de 64 casos, sendo trinta e oito (38) equinos e vinte e seis (26) muare. Dos equinos, dezesseis (16) eram animais da raça Quarto de Milha praticantes da vaquejada, nove (9) sem raça definida também praticantes da vaquejada e treze (13) equinos sem raça definida, destinados ao trabalho na lida com o gado.

Ao avaliar a etiologia da claudicação que os levou a realizar o procedimento, nenhum conseguiu descrever com exatidão o diagnóstico, sendo que aqueles que sim, não os comprovaram com exames radiológicos ou ultrassonográficos. No quesito redução da claudicação inicial após a execução da técnica, todos alegaram que os resultados foram positivos, porém dois animais morreram por hemorragia após a técnica.

DESCRIÇÃO DO ATO CONHECIDO COMO “DESGOVERNAR” EQUINOS CLAUDICANTES POR PROFISSIONAIS MÉDICOS VETERINÁRIOS OU LEIGOS

✓ IDENTIFICAÇÃO DO PROFISSIONAL: MÉDICO VETERINÁRIO () / () TÉCNICO AGRÍCOLA OU ZOOTECNISTA / () LEIGO

Área de atuação profissional:

Local de trabalho:

✓ QUESTIONARIO DESCRITIVO DO ATO

O que é o procedimento conhecido como “desgovernar” cavalos claudicantes?

Onde e/ou com quem aprendeu a técnica desgovernar?

Há quanto tempo aplica a técnica de desgovernar?

Quais as indicações para o procedimento?

Qual a estimativa de número de atos/animais já realizados e com que frequência?

Já houve problemas pelo uso da técnica? Quais?

Descrição da técnica?

Identificação de clientes recentes onde a técnica foi empregada:

Figura 1. Questionário realizado aos executores da técnica no estudo de casos da prática cultural de “desgovernar” equinos no nordeste brasileiro. Fonte: Os autores.

O procedimento possui variação de acessos cirúrgicos quanto à região anatômica, visto que são descritos em quatro regiões distintas. Todos os acessos propostos são pela face medial dos membros torácicos e pélvicos. Nos membros torácicos (MT) este é realizado na terço proximal

da região radial (Figura 2A), e/ou no terço médio da região metacarpiana (Figura 2B). Nos membros pélvicos (MP) é realizada no terço proximal da região tibial (Figura 2C) e/ou no terço médio da região metatarsiana (Figura 2D).

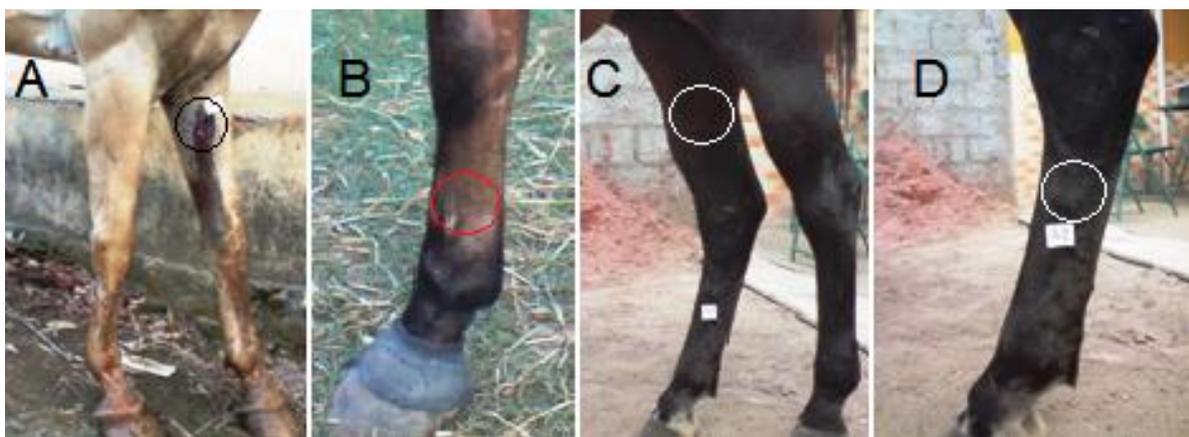


Figura 2. Regiões de acesso cirúrgico para o ato de “desgovernar”. **A** - região proximal do membro torácico (esquerdo) – face medial da metade proximal da região radial, ferida cirúrgica (marca circular); **B** - região distal do membro torácico (direito) – face medial do terço médio da região metacarpiana, cicatriz cirúrgica (marca circular); **C** - região proximal do membro pélvico (esquerdo) - metade proximal da região tibial – face medial, cicatriz cirúrgica (marca circular); **D** - região distal do membro pélvico (esquerdo) – face medial terço médio da região metatarsiana, aumento de volume no local da cicatriz cirúrgica (marca circular). Fonte: Os autores.

A execução da técnica, de maneira geral, toma como base a identificação do vaso sanguíneo visível e palpável na face medial do membro na região a ser submetido ao procedimento, com divulsão de estruturas até o acesso ao vaso, seguido de flebotomia. Ao critério do realizador fica facultativa a ligadura da parte proximal ou distal do vaso e sutura de pele para aproximar as bordas da ferida cirúrgica, contudo, a hemorragia profusa na

parte distal do vaso sanguíneo é obrigatória, como característica da técnica. Em relação aos casos estudados, a Tabela 1 descreve o número de casos e localização dos acessos cirúrgicos nos equinos submetidos ao procedimento, sendo que vinte e seis (26) muares destinavam-se a transporte de carga em fazenda de plantação de cana-de-açúcar, sem afecções locomotoras, com acesso cirúrgico em sua totalidade na região radial nos dois membros.

Tabela 1. Número de equinos (n) submetidos ao “desgovernar” e região anatômica onde foi realizado.

REGIÃO ANATOMICA	n ₁	n ₂	TOTAL DE ANIMAIS
RADIAL	8	13	21
METACARPIANA	5	7	12
TIBIAL	-	3	3
METATARSIANA	-	2	2
TOTAL	13	25	38

n₁: número de animais submetidos ao procedimento apenas no membro claudicante; n₂: número de animais submetidos ao procedimento no membro claudicante e no contralateral hígido.

Em relação ao perfil do executor: 4 (26,7%) dos executores do ato de “desgovernar” eram médicos veterinários e onze (73,3%) eram leigos, sendo 8 (53,3%) sem formação alguma e 3 (23,3%) técnicos agrícolas.

Variações das técnicas são notadas em relação à localização proximal e distal, sendo que a primeira é realizada em todos dos casos e, se não responsiva, faz opção pelos acessos distais; e em relação à “desgovernar” apenas o membro acometido pela claudicação, ou concomitantemente o seu contralateral, onde observa-se que dos 15 executores, 10 deles realizam nos dois membros (66,6%).

Após a realização do ato, o animal passa em média entre 4 e 6 meses em repouso, que podem ser seguidos de duas maneiras distintas. Na primeira das formas de repouso pós-operatório o equino ficar confinado em baias, com limitação de espaço físico, caracterizando redução dos movimentos. Em outra situação, o animal após ser submetido ao procedimento é solto no piquete/pasto, com maior liberdade de movimentos. Ainda existem relatos de animais que após “desgovernados” ficaram afastados de exercício físico por até dois anos. As variações quanto ao período de repouso e o ambiente onde os animais vão passar o resguardo pós-operatório são determinados pelos executores do ato e proprietários dos equinos, havendo divergências quanto a essas condutas. Cabe relatar que o óbito ocorrido em 2 animais (5,26%) no período pós-operatório imediato, foi descrito como sendo devido à hemorragia e que estes animais estavam com estado nutricional aquém do ideal, sendo submetidos ao procedimento com acesso cirúrgico na região proximal do membro pélvico.

DISCUSSÃO

A partir dos relatos, define-se o “desgovernar” como procedimento cirúrgico de flebotomia, com possível neurectomia acidental associada, seguida de hemorragia profusa, com ou sem hemostasia por ligadura, de acesso medial na região proximal e distal dos membros torácicos e pélvicos. Assim, se houverem resultados satisfatórios em relação às técnicas, esses podem ser atribuídos à possível neurectomia e não ao sangramento da flebotomia atribuída ao ato. Além disso, repouso prolongados, acima de seis meses, podem representar tempo necessário à resolução clínica de muitas afecções locomotoras, principalmente associadas aos tecidos moles.

A prática de “desgovernar” cavalos é realizada em sua maioria por pessoas sem capacitação, caracterizando exercício ilegal de profissão. Normalmente são pessoas com vivência na lida com animais, que realizam de forma cotidiana curativos, aplicação de medicamentos e até pequenas cirurgias (como descorna ou castração), sendo chamados pelos proprietários. Porém, 4 (26,7%) dos executores são médicos veterinários, que aprenderam com profissionais mais antigos, sem embasamentos acadêmicos, deixando evidente que o aprendizado da técnica ocorreu de forma informal, por ser algo comum e cultural na região, isentando assim qualquer possibilidade de informação quanto ao ato proveniente de escolas de Medicina Veterinária.

Em relação a execução da técnica, deve-se discutir sobre a variabilidade em realizá-la apenas no membro claudicante, ou em ambos, vendo que a maioria dos executores (66,6%) a realizam bilateralmente, indicação também citada na literatura para neurectomias do nervo digital

palmar, visto que a realização unilateral pode trazer déficits proprioceptivos e alterações de locomoção (Matthews; Dart.Dowling, 2003; Escodro, 2006). Nesse contexto nota-se que todos os muares (26) e 25 (65,8%) dos 38 equinos foram submetidos às técnicas em ambos os membros.

Ainda, nota-se uma predisposição para realização da técnica primariamente nas variações proximais, para depois, num segundo momento realizá-las nas regiões distais. Esse raciocínio contradiz a lógica dos bloqueios anestésicos perineurais diagnósticos, que seguem ordem disto-proximal, dessensibilizando as regiões mais distais (nervo digital palmar/plantar), e quando há negatividade na analgesia, os realizam de forma mais proximal (Moyer et al., 2007; Schumacher & Castro, 2008). Apesar da técnica de eleição para o ato de "desgovernar" ser realizada na parte proximal dos membros (região radial e tibial), as regiões sediadas nos membros torácicos (radial e metacarpiana) apresentam relevante maioria no número de procedimentos, representando 33 (86,8%) dos 38 procedimentos realizados em equinos e 100% em muares, isso provavelmente é explicado devido a maioria das claudicações nos equinos ocorre nos membros torácicos (Stashak, 2006).

A ausência de diagnóstico comprovado em relação às afecções locomotoras nos animais "desgovernados", além da realização de repouso prolongado em todos os animais submetidos ao procedimento nessa pesquisa, trazem subjetividade e inexatidão aos resultados, desabonando totalmente sua indicação. Portanto, avaliando a efetividade terapêutica e padronização de técnicas, constata-se que o ato trata-se de um conhecimento informal, de aprendizado prático (empírico), passado de forma hereditária as gerações (inclusive aos médicos veterinários executores), desprovido de conhecimentos acadêmicos e sem nenhum amparo científico para sua execução.

CONCLUSÕES

A partir dos casos estudados de equídeos submetidos ao procedimento de "desgovernar" na região Nordeste do Brasil, conclui-se que o mesmo é empírico e ineficiente, podendo levar o animal à óbito por imperícia e hemorragia, caracterizando exercício ilegal da profissão do médico veterinário, sendo totalmente contra indicado na rotina clínico-cirúrgica de equinos.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento de bolsas de produtividade e iniciação.

REFERÊNCIAS

- CÂMARA CASCUDO, L. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. p.783-785.
- ESCODRO, P.B. Dessensibilização dos Nervos Digitais em Equinos. **Revista Brasileira de Medicina Equina**, v. a.2, p. 18-26, 2006.
- MATTHEWS, S.; DART, A.J.; DOWLING, B.A. Palmar digital neurectomy in 24 horses using the guillotine technique. **Australian Veterinary Journal**, v.81, n.7, p.402-05, 2003.
- MONTENEGRO, A.T.; REZENDE, A.P.; NETO, R.B.G.; GUILLEN, I.C.M.; TEIXERA, F.W.; ANZAI, L.C. **História: cultura e sentimento**. Outras histórias do Brasil. Cuiabá: Ed. UFPE, 2008.
- MOYER, W.;SCHUMACHER,J.;SCHUMACHER,J. **A Guide to Equine: Joint Injection and Regional Anesthesia**. Pennsylvania: Veterinary Learning Systems, 2007.
- OLIVEIRA, C.E.F. **Afecções locomotoras traumáticas em equinos (Equus caballus, LINNAEUS, 1758) de vaquejada atendidos no Hospital Veterinário - Universidade Federal de Campina, Patos - PB**. Patos, PB: CSTR/UFPG, 2008. Disponível em: <http://www.cstr.ufcg.edu.br/mono_mv_2008_2/monogr_carlos_eduardo_fernandes.pdf>. Acesso: 18 ago. 2015.
- SCHUMACHER, J.; CASTRO, F.A. Anestesia dos membros. *In* DOHERTY, T. e VALVERDE, A. **Manual de Anestesia e Analgesia em Equinos**. São Paulo: ROCCA, 2008.p.241-254.
- SILVA, T.C. **A prática da vaquejada à luz da Constituição Federal. Âmbito Jurídico**, Rio Grande, 01 abr. 2009. p.63. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=5922#>. Acesso em: 15 ago. 2015.
- STASHAK, T.S. **Adams' lameness in horse**. Philadelphia: Lippincott, 2002. p.1150.
- XAVIER, I.L.G.S. **Deteção de enfermidades do aparelho locomotor através do exame físico em equinos de vaquejada**. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária) – Escola Superior de Agricultura de Mossoró, Mossoró, 2002.